

## TESSITURAS FAMILIARES: O JUDEU SEFARDITA NA OBRA DE RONALDO CORREIA DE BRITO

André de Souza Pinto (UFMG)<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo, ao selecionar o romance *Galileia* e os contos “Brilhar” e “Mellah”, de Ronaldo Correia de Brito, teve como objetivo analisar a presença do judeu sefardita nas genealogias narradas pelo escritor, assim como investigar como, no enunciado, o narrador se vale da fabulação e invencionice para construir histórias idealizadas de antepassados. Desse modo, buscou-se examinar, nas narrativas, a presença de cristãos-novos, judeus sefarditas, que, em certa medida, se apresentam, também, como um possível traço biográfico do escritor, Ronaldo Correia de Brito, que se apropria do relato bíblico e da cultura judaica para narrar.

**Palavras-chaves:** Judeu; Sefardita; Genealogia.

Em *Galileia*, de Ronaldo Correia de Brito, romance publicado em 2009, Adonias, o narrador do romance, retorna para a fazenda Galileia, buscando reencontrar o avô, Raimundo Caetano, o patriarca da família, que se encontra próximo da morte. A viagem para a casa dos Rego Castro, ao lado dos primos, Davi e Ismael, é, também, um retorno ao passado, cujas lembranças permitem a ficcionalização de uma história e de uma genealogia familiar.

Brito elabora, em sua narrativa, histórias de antepassados, criando para os Rego Castro uma árvore genealógica que abarca cerca de trezentos anos.<sup>2</sup> Os personagens contam e recontam suas histórias, dando a elas, a cada vez que narram, uma nova versão. Além disso, o escritor põe em cena personagens homônimos aos da narrativa bíblica, ficcionalizando uma filiação textual que remeteria a uma possível ascendência-judaica.

Desse modo, o espaço sertanejo é transmutado, metaforicamente, em um deserto hebreu, tecendo, nesse movimento, uma ligação entre o texto e as metáforas bíblicas e a cultura brasileira do sertão, além de velar/desvelar as histórias familiares marcadas pela fabulação e invenção. Adonias, o narrador, afiança:

[i]nconformados com a crônica medíocre da nossa trajetória para o Brasil, sem heróis nem bravatas no além-mar, nós romanceamos as

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras – Licenciatura em Português (UFMG), Mestre em Estudos Literários (UFMG) e Doutorando em Letras: Estudos Literários (UFMG). Contato: andre.sphn@hotmail.com.

<sup>2</sup> No romance *Estive lá fora* (2012), de Ronaldo Correia de Brito, Cirilo, narrador do romance, também possui o sobrenome Rego Castro, assinalando, conforme a dissertação *Genealogias e histórias de antepassados em Galileia, de Ronaldo Correia de Brito* (2016), de André de Souza Pinto, a presença de um grupo familiar, os Rego Castro, que permeia a obra de Brito, incluindo, implicitamente e para o interesse deste artigo, um possível passado sefardita em outras narrativas do escritor.

vidas comuns da família, inventamos personagens e remendamos neles pedaços de narrativas, dramas e farsas da tradição oral e dos livros clássicos. Os parentes letrados e genealogistas muito contribuíram com as suas leituras. Sempre fomos uma família de mentirosos e fabuladores. (BRITO, 2009, p. 26-27)

A “crônica medíocre” é, assim, romanceada, constituindo os seus narradores como mentirosos e fabuladores. O romance apontaria, desse modo, para a construção da ficção. “Esta é”, afirma o narrador, “a história” (MAAS, 1909, p. 1) dos Rego Castro, “escrita em três séculos de isolamento [e guardada] em baús que não arejam nunca, por mais que debandemos em busca de outros mundos civilizados” (BRITO, 2009, p. 9). A genealogia familiar, assim, manifesta-se incompleta, disforme e repleta de lacunas, apontando para a narração do romance, que é marcada, pelas inúmeras versões que a constitui.

Segundo Adonias, dentre as várias versões da história, ou das histórias, a explicação mais aceitável sobre o aparecimento dos Rego Castro viria dos antigos patriarcas da família, que afirmavam que a “ânsia por terras e o desejo contrário de abandonar tudo e correr mundo afora vinham do sangue que herdaram de cristãos-novos” (BRITO, 2009, p. 23). Salomão, tio do narrador, assinala, ainda, que o povo dos Rego Castro seria inacabado, “em permanente mobilidade, adaptando-se aos lugares distantes, às culturas exóticas” (BRITO, 2009, p. 23) e, por isso, Adonias afirma que: “[a] errância e o nomadismo, o gosto pelo comércio e as viagens alimentam o nosso imaginário, o sentimento de que pertencemos a todos os recantos e a nenhum” (BRITO, 2009, p. 23). Dessa forma, a mistura de etnias e as várias histórias sobre o surgimento da família caracterizariam essa ideia acerca do que seria um povo inacabado, presente em cada pedaço do sertão e do mundo.

De acordo com Salomão, corroborando a proposição de Walter Benjamin (1985), em “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, existiriam

duas categorias de homens, os viajantes e os sedentários. Os primeiros percorrem terras distantes e relatam as histórias de outras gentes, quando voltam ao lugar de origem. Os segundos [...] ouvem histórias dos viajantes e, enquanto trabalham, pensam nelas. De noite, sonham com as terras que nunca conhecerão, porque não se encorajam a transpor os limites do mundo onde vivem. Com o passar do tempo, adaptam os nomes desconhecidos ao vocabulário local, os princípios alheios aos seus, e de palavra em palavra recriam as narrativas. (BRITO, 2009, p. 24)

Assim, conforme afiança o tio, nesse movimento narrativo, foram elaboradas e ficcionalizadas, por intermédio dos genealogistas e parentes letrados, “as lendas da família Rego Castro, sobretudo as que se referem ao [...] passado ibérico e holandês” (BRITO, 2009, p. 24).

Adonias, ao se apropriar e recontar as narrativas dos Rego Castro, afirma, ainda, que:

[m]uitos judeus sefarditas que fugiram da Ibéria para a Holanda mudaram-se para Pernambuco na comitiva do conde Maurício de Nassau, e ali viveram a salvo de perseguições, com rua de comércio e sinagoga, até serem expulsos com os flamengos. A lei foi implacável com os judeus velhos e aqueles que, depois de convertidos ao cristianismo, judaizaram. Em poucos meses, a florescente comunidade judaica se desfez. Porém, nos interiores cearenses, contava-se como verdade inabalável que muitos cristãos-novos fugiram a essa expulsão, embrenhando-se sertão adentro, dando origem a dezenas de famílias com sobrenomes Pinheiro, Nunes, Castro, Álvares, Mendes e Fonseca, embora afirmem que no mundo ibérico não se identificam judeus pelo sobrenome. (BRITO, 2009, p. 24)

Se, no enunciado do romance, o sobrenome Castro apontaria para o passado cristão-novo, portanto, sefardita da família de *Galileia*, no âmbito extratextual, o sobrenome do escritor, Ronaldo Correia de Brito, também figura em uma lista de nomes de famílias judaico-sefarditas em portais judaicos.<sup>3</sup> Essa referência biográfica foi confirmada pelo escritor, que afirma que a família do pai e da mãe vieram de Pernambuco e que vários antepassados “tinham ascendência de cristãos novos, judeus sefarditas batizados de pé para escapar à Inquisição”.<sup>4</sup>

No romance, apesar de “[a]lguns achados misteriosos, [...] uma escultura talhada em um bloco de calcário, que ficou conhecida como a Pedra de Jacó” (BRITO, 2009, p. 27), com frases escritas em holandês, elementos que “confirmavam um passado sefardita e holandês, estabeleciam vínculos entre os pastores esquecidos e o restante do mundo civilizado” (BRITO, 2009, p. 28), tio Salomão insiste numa perspectiva menos romantizada do surgimento familiar, em uma

---

<sup>3</sup> Ver, por exemplo: DRUKER, Thais. Sobrenomes sefarditas. 2016. Disponível em: <<http://portaljudaico.com.br/sobrenomes-sefarditas/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

<sup>4</sup> Na seção “Sobre”, disponível em <<http://www.ronaldocorreiaebrito.com.br/site2/sobre/>>, Ronaldo Correia de Brito relata, em sua breve biografia, “No princípio era o sertão”, a existência de antepassados sefarditas.

versão menos honrosa, a de que os cristãos-novos chegados aos Inhamuns provinham do Norte português, eram homens solteiros, sem vínculos com as origens, que buscavam enriquecer no comércio mascate, e que deixaram uma prole numerosa de bastardos, nascidos de transas ligeiras com as índias jucás. (BRITO, 2009, p. 28)

Assim, segundo Adonias, talvez se justificasse que os Rego Castro, insatisfeitos com a ascendência nada glamorosa de sua família, como se lê em uma de suas muitas interrogações: “Cadê as glórias do passado sertanejo, exaltadas por genealogistas e historiadores?” (BRITO, 2009, p. 74), enxertassem “aventuras na vida insignificante dos antepassados, na louca esperança de nos engrandecermos” (BRITO, 2009, p. 27), pois, de acordo com o narrador, “[o]nde não existe esplendor, inventa-se” (BRITO, 2009, p.27).

Semelhantemente, no conto “Brilhar”, de *O amor das sombras*, publicado em 2015, uma possível ascendência judaica é mencionada. De acordo com o narrador,

[p]apai enxugava o pescoço e a testa. Era um homem peludo por conta de nosso parentesco com mouros ou judeus, segundo a mãe, porém nunca tivemos certeza de quem herdávamos o sangue, escolhíamos esse ou aquele ascendente conforme a conveniência do momento” (BRITO, 2015, p. 35).

A fala do narrador apontaria, então, para uma genealogia incerta, marcada pela fabulação de uma história familiar que, na ficção, embaralha mouros e judeus.

O conflito de versões é, ainda, salientado em “Brilhar”, na referência ao pai feita pelo narrador:

odiava genealogias, sempre foi hostil às religiões e explicava o excesso de pelos nas axilas, no peito e nas costas como um vínculo aos macacos, nossos reconhecidos ancestrais. Reforçava a teoria evolucionista de Darwin, para desgosto de mamãe, uma crente convicta no mito de Adão e Eva. (BRITO, 2015, p. 35)

As crenças da mãe, por sua vez, são justificadas pelo narrador, que afirma:

Ela contava as minhas costelas tentando provar ao marido a deficiência masculina, um osso a menos, arrancado ao pobre Adão enquanto ele dormia. Magro e com os ossos palpáveis, eu era frequentemente usado nessas contagens e recontagens para acertos bíblicos. (BRITO, 2015, p. 35)

O embate entre pai e mãe assinala a presença de um discurso científico em contraposição a um religioso, que não aponta para o pertencimento da família a um grupo específico.

Se no conto “Brilhar”, a ascendência familiar é, tal como no romance *Galileia*, incerta, marcada pela consciência da invenção por meio da presença de versões distintas e fantasiosas de origem, no conto “Mellah”, o narrador busca traçar um panorama fidedigno do surgimento de sua família, ainda que afirme que “[a] verdade nunca tinha importância para [...] [ele]” (BRITO, 2015, p. 90). Ao visitar o apartamento de seu pai, o narrador relembra as histórias familiares e tece, com isso, uma narrativa que entretetece pelo passado e presente.

Segundo o narrador, o pai, em suas várias histórias, afirmava que “os mais antigos da nação chegaram ao Magrebe após a queda do Primeiro Templo, ocorrida no reinado de Nabucodonozor, rei da Babilônia” (BRITO, 2015, p. 87), já o tio, um rabino, “garantia que os primeiros vieram com os fenícios, antes da era cristã. Judaizaram as tribos berberes e resistiram à invasão árabe e ao Islã” (BRITO, 2015, p. 87).

A presença de um passado judaico, apesar de correspondente nos dois relatos, aponta mais para a invenção, que remonta desde à narrativa bíblica até o aparecimento dos judeus naquela região da África, do que para uma busca de uma história verdadeira da genealogia da família, pois “[o]s arqueólogos não encontravam em suas escavações sinais da diáspora” (BRITO, 2015, p. 87).

No entanto, a história dos antepassados diretos do narrador só começaria muito tempo depois, com o desembarque, no Marrocos, de seus ancestrais, com as “levas de sefarditas, fugidos da Inquisição espanhola ou expulsos por decreto dos reis Fernando e Isabel” (BRITO, 2015, p. 87). Posteriormente, sem que os pai explique o motivo da migração, a família se transfere do norte da África para São Paulo.

Segundo o narrador, a mãe – que o pai insistia em chamar de “Kahena, o nome de uma rainha judia dos berberes de Jarawa” (BRITO, 2015, p. 89), uma lenda, “sem provas como a de que os judeus de Ifrane, cidade ao sul de Marrocos, descendiam da tribo de Efraim, uma das dez que foram exiladas durante o Primeiro Templo” (BRITO, 2015, p. 89-90), conforme afiançava o tio rabino –, “trouxera a culinária sefardita na bagagem e teimava em repeti-la” (BRITO, 2015, p. 90), pois “[a]s cidades se reconhecem pelo cheiro” (BRITO, 2015, p. 90), tal como ela afirmava, estabelecendo, com isso, ligações entre o tempo passado e o presente, entre a cultura judaica na África e no Brasil.

No entanto, apesar de olhar “o mundo pela janela do apartamento como um navegador que busca enxergar além das águas: o mar, as ondas, o navio, a viagem, o chão

remoto, a memória” (BRITO, 2015, p. 87), justapondo os edifícios de São Paulo as muralhas de Fez, “fortalezas [...] impedindo o livre trânsito dos homens” (BRITO, 2015, p. 89), o relato familiar desse grupo sem nome, ao rememorar o surgimento de um povo e dos antepassados familiares, aponta para um narrador que “não consegue recompor a paisagem que trouxe nos olhos, quando atravessou o mar, repetindo sua gente” (BRITO, 2015, p. 91).

O leitor da obra de Ronaldo Correia de Brito depara-se, portanto, em *Galileia* e nos contos “Brilhar” e “Mellah”, com linhagens que são fiadas e desfiadas pelo escritor, que cria uma rede ficcional estruturada pela invenção e pela fantasia. As genealogias do sertão nordestino brasileiro conformam-se, assim, a partir dos nômades do deserto hebreu, trançados aos destinos dos exilados nas muitas diásporas judaicas.

## Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BRANDÃO, Eli; LIMA, Isabelly Cristiany Chaves. Histórias cruzadas e abertas em Galileia, de Ronaldo Correia de Brito. *Revista Colineares*, n. 1, v. 2, jul./dez. 2014, p. 52-63. Disponível em: <<http://periodicos.uern.br/index.php/colineares/article/view/956>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

BRITO, Ronaldo Correia de. Brilhar. In: \_\_\_\_\_. BRITO, Ronaldo Correia de. *O amor das sombras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Crônicas para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Estive lá fora*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Faca*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Galileia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Livro dos homens*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

BRITO, Ronaldo Correia de. Mellah. In: \_\_\_\_\_. BRITO, Ronaldo Correia de. *O amor das sombras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BRITO, Ronaldo Correia de. *O amor das sombras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BRITO, Ronaldo Correia de. *Retratos imorais*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

BRITO, Ronaldo Correia de. Sobre. Disponível em:  
<<http://www.ronaldocorreiaдебrito.com.br/site2/sobre/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

DRUKER, Thais. *Sobrenomes sefarditas*. 2016. Disponível em:  
<<http://portaljudaico.com.br/sobrenomes-sefarditas/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

MAAS, Anthony. Genealogy (in the Bible). *The Catholic Encyclopedia*. v. 6. New York: Robert Appleton Company, 1909. Disponível em:  
<<http://www.newadvent.org/cathen/06408a.htm>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

PINTO, André de Souza. *Genealogias e histórias de antepassados em Galileia, de Ronaldo Correia de Brito*. 2016. 111f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.